



UESLEI OLIVEIRA DA CUNHA

**O PROCESSO FORMATIVO DO ENFERMEIRO PROFESSOR: UMA
REVISÃO DA LITERATURA.**

Conceição do Coité – BA

2021

UESLEI OLIVEIRA DA CUNHA

**O PROCESSO FORMATIVO DO ENFERMEIRO PROFESSOR: UMA
REVISÃO DA LITERATURA.**

Manuscrito apresentado a disciplina TCC II, a Faculdade da Região Sisaleira – FARESI, como requisito básico para a conclusão do componente curricular e para o desenvolvimento do Trabalho de Conclusão de Curso.

Conceição do Coité – BA

2021

Ficha Catalográfica elaborada por:
Joselia Grácia de Cerqueira Souza – CRB-Ba. 1837

C972p Cunha, Ueslei Oliveira da

O processo formativo do enfermeiro professor: uma revisão da literatura. - Conceição do Coité (Ba.), FARESI, 2021.

Referências

Manuscrito apresentado a disciplina TCC II, a Faculdade da Região Sisaleira – FARESI, como requisito básico para a conclusão do componente curricular e para o desenvolvimento do Trabalho de Conclusão de Curso.

1. Enfermagem. 2. Docência. 3. Curso técnico. I. Título.

CDD: 370.71

Resumo: A década de 80 do século XX teve um grande marco, o surgimento de um projeto de grande demanda no qual visava dar conta do trabalho técnico de profissionais da saúde, resultado do acordo entre Ministério da Saúde, Organização Pan-americana de Saúde, Previdência e Assistência Social e Ministério da Educação. Diante disso, este estudo teve como objetivo demonstrar como se deu o processo formativo do enfermeiro docente ao longo dos tempos, além de apresentar suas limitações e êxitos durante o processo. Contou com uma revisão literária como caminho metodológico, em que foram buscadas fontes que versassem sobre a história do ensino de enfermagem, as inconformidades na sala de aula e sobre a licenciatura em enfermagem. Orientada pela perspectiva da pesquisa qualitativa, cuja coleta de dados compreendeu um total de 09 artigos. Os resultados demonstraram que o enfermeiro necessita de um amplo preparo para o exercício da docência, e que isso necessita ser estimulado desde a graduação e que a busca por programas de pós graduação pode se configurar como estratégias potentes para o alcance dessa finalidade. Desta forma, reitera-se a importância de se priorizar o conhecimento acerca do processo formativo do enfermeiro docente, bem como seus desafios e possibilidades, além da análise da sua influência para a formação dos técnicos em enfermagem e, conseqüentemente, para a assistência em saúde de forma geral.

Palavras-chave: Enfermagem. Docência. Curso Técnico.

Abstract: The 1980s of the twentieth century had a major milestone, the emergence of a project of great demand in which it aimed to account for the technical work of health professionals, as a result of the agreement between the Ministry of Health, the Pan American Health Organization, Welfare and Social Assistance and Ministry of Education. In view of this, this study aimed to demonstrate how the training process of the teaching nurse happened over time, in addition to presenting its limitations and successes during the process. It had a literary review as a methodological path, in which sources were sought that deal with the history of nursing education, the non-conformities in the classroom and the degree in nursing. Guided by the perspective of qualitative research, whose data collection comprised a total of 09 articles. The results showed that the nurse needs ample preparation for the exercise of teaching, and that this needs to be stimulated since graduation and that the search for postgraduate programs can be configured as powerful strategies to achieve this purpose. Thus, it is reiterated the importance of prioritizing knowledge about the educational process of the teaching nurse, as well as its challenges and possibilities, in addition to the analysis of its influence for the training of nursing technicians and, consequently, for health care. in general.

Keywords: Nursing. Teaching. Technical Course.

O ensino da enfermagem no nível técnico no Brasil: considerações iniciais

A década de 80 do século XX teve um grande marco, o surgimento de um projeto de grande demanda no qual visava dar conta do trabalho técnico de profissionais da saúde, resultado do acordo entre Ministério da Saúde, Organização Pan-americana de Saúde, Previdência e Assistência Social e Ministério da Educação, após isto foram implantados em todo território nacional Escolas Técnicas em Saúde ou Centro de Formadores, que tinham como propriedades a descentralização curricular do ensino (AMARAL, 2008).

Com base no curso cronológico dos acontecimentos, a primeira Escola Profissional de Enfermeiros foi criada em 27 de setembro de 1890, pelo decreto nº 791, mas seu regimento só foi aprovado em 1921. No Brasil o curso técnico em enfermagem é regulamentado pelo decreto nº. 27.428, de 14 de novembro de 1949, que traz o seguinte texto: “Fica aprovado Regulamento básico para os cursos de enfermagem e de auxiliar de enfermagem, previsto na disposição legal acima referida e o qual com este baixa assinado pelo Ministro de Estado da Educação e Saúde” (BRASIL, 1949, P. 01).

Mediante a isso, reflete-se sobre a docência do curso técnico de enfermagem que é algo tão importante, quanto a própria enfermagem assistencialista, uma vez que a antecede e dita o quão bem sucedida ela será. Assim, a docência atua na gênese de novos profissionais, pensantes e com capacidade de inovar no mercado de trabalho, buscando a melhor forma de atender ao paciente, além de fazerem a diferença no modelo de assistência da categoria.

Diante disso, a formação do enfermeiro graduado deve permear as habilidades de ensino e aprendizagem. Este profissional deve ter a sua formação pautada na assistência, gerência e docência. Pois, independente de ocupar salas de aula, enquanto professor, o enfermeiro deve ser instigado a desenvolver habilidades educativas, uma vez que na assistência ele necessitará orientar o paciente e familiares, e na gerência deverá fornecer informações técnicas sob formato de educação permanente para a equipe sob a sua supervisão. Em síntese, educar é premissa básica para o sucesso da atuação do enfermeiro, independente do espaço em que ele ocupar.

Por tudo que foi exposto, a elaboração do presente estudo se justifica pelo fato de, na literatura atualizada, ainda serem incipientes os escritos que versam sobre a temática “enfermeiro docente e a formação técnica em enfermagem”. Assim, esta

pesquisa tem como objetivo corroborar como se deu o processo formativo do enfermeiro docente ao longo dos tempos.

Metodologia

Trata-se de uma revisão narrativa, com abordagem qualitativa, a qual visa reunir e analisar publicações que sejam pertinentes para compreender e aprofundar o conhecimento do tema investigado, além de apontar lacunas e obter conclusões sobre o assunto pesquisado (SOARES et al, 2014). Esta pesquisa foi realizada nas bases de dados Scielo e Biblioteca Virtual em Saúde, por meio dos descritores em ciências da saúde (Decs): “Enfermagem”, “Ensino”

Definiu-se como critérios de inclusão: estudos no idioma português, disponíveis na íntegra, na versão online, gratuitos. Exclui-se, estudos de revisão, teses, casos clínicos e monografias. Após a análise dos títulos e resumos, e após a leitura criteriosa na íntegra destes estudos, resultou se uma amostra final de 09 artigos, estudos selecionados para compor a revisão.

A interpretação e análise dos dados foi realizada após esse momento, por meio da categorização proposta por Bardin (2002). Que se fundamenta em intervenções de desmembramento do escrito em unidades para, dessa forma, encontrar os distintos núcleos de significado que estabelecem o entendimento, e conseqüente, categorização, que teve como critérios: homogeneidade, pertinência e objetividade (BARDIN,2002), em seguida os dados foram interpretados e analisados de maneira reflexiva com base na literatura existente.

Desse modo surgiram três categorias, a saber: A contextualização histórica do ensino de enfermagem, O enfermeiro e a arte de ensinar: formação para atuação na docência e; Inconformidades na sala de aula x Licenciatura em enfermagem. Cabe destacar que foram respeitados os aspectos éticos de acordo com a lei nº 9610 1998, que versa sobre os direitos autorais (BRASIL, 1998).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A contextualização histórica do ensino de enfermagem

A enfermagem moderna deu-se início com a pioneira Florence Nightingale, que se destacou ao cuidar dos feridos na guerra de Crimeia (1853-1856). Ela foi convocada junto a sua equipe para tratar dos feridos, e em 1854 ela se tornou chefe de enfermagem na Turquia. Nightingale viu os soldados em péssimas condições e com seu conhecimento adquirido reforçou a limpeza e expôs os militares a luz do sol e ao ar fresco, o que se refletiu na diminuição da taxa de mortalidade que era de 42,7% para 2,2% (BIOGRAFIA BRASIL ESCOLA, S/D p. 01).

Com o seu trabalho na Guerra da Crimeia e na criação da Escola de Enfermagem, Florence Nightingale se tornou uma referência na saúde pública cujos objetivos se assemelham aos que foram acima citados (BIOGRAFIA BRASIL ESCOLA S/D, p.01).

Entretanto, Florence Nightingale não foi pioneira somente na assistência de enfermagem, mas também na área de educação, uma vez que ao ser acometida pela febre tifoide, teve que encerrar as suas atividades de enfermagem hospitalar, e durante o tempo que ficou acamada elaborou e aprimorou os seus planos para o projeto da Escola de Enfermagem St. Thomas, em Londres. O curso na época tinha duração apenas de um ano e tinha os médicos como professores, contendo aulas teóricas e práticas. Os fundamentos da escola criada por Florence enfatizavam o atendimento direcionado aos menos favorecidos economicamente, ato até então inédito (BIOGRAFIA BRASIL ESCOLA S/D, p. 01).

Assim, é de suma importância que a formação do profissional de enfermagem seja pautada no correto e efetivo atuar em saúde, e que o profissional, bem como toda a equipe que ele compõe, atue em conjunto, de maneira colaborativa, articulada e em busca do bem maior, que é proporcionar benefícios aos pacientes. Hipócrates já defendia que o cuidador quando pode contribuir para a cura ele o faz, se não, alivia o sofrimento. Se nenhuma dessas ações se fizer possível, consola (CASSIANI, 2005). Estas premissas devem ser mantras reforçados durante toda a formação e exercício dos profissionais de saúde, inclusive os técnicos em enfermagem.

No Brasil a enfermagem era exercida pelas irmãs de caridades, voluntários, Campanha para Jesus e outras pessoas sem formação técnica, e isso ocorreu durante vários anos, mas essa realidade necessitava com urgência ser revista, e segundo Bartmann (1990, p.02) “a institucionalização do Ensino de Enfermagem em nosso país foi resultado de um processo político”.

Esse processo só aconteceu por causa da crise que ocorreu no Rio de Janeiro, no Hospital Nacional dos Alienados em 1890, entre poderes da Medicina, do Estado e do Clero. Crise esta que teve a sua raiz no fato dos cuidadores da instituição acobertarem e colaborarem para o sofrimento e maus tratos dos pacientes que ali viviam. Esses cuidadores foram substituídos pelas freiras francesas, que visavam preparar e treinar o pessoal de enfermagem para o exercício nesse Hospício, além da atuação nos Hospitais de base civis e militares (AMARAL, 2008).

Em 27 de setembro do mesmo ano foi criado pelo decreto nº 791 a Escola Profissional de Enfermeiros e Enfermeiras, a primeira Escola de Enfermagem do Brasil, mas seu regimento só veio a ser aprovado em 1921 como mencionado anteriormente. Nessa conjuntura, devido o surgimento de novas doenças e endemias como os surtos de peste bubônica, a febre amarela e a varíola no início dos anos 20, a saúde pública precisou ser reformulada, e passou a exigir um perfil mais técnico e comprometido dos profissionais de enfermagem. Nesse período o setor Nacional de saúde Pública trouxe enfermeiras americanas para contribuir na organização, gerenciamento e serviço de enfermagem de Saúde Pública (BARTMANN, 1997; SANTOS et al, 2002).

Com a chegada dessas enfermeiras, cria-se a primeira escola de enfermeiras: a escola Dona Ana Nery. Já em 1923, tem-se o princípio das organizações de enfermagem como profissão, agora regulamentada por normas próprias. Logo mais seria necessária uma equipe para auxiliar as Enfermeiras, e coube a Ana Nery a preparação informal dessa equipe. Assim, nesse contexto, “data de 1936 em Belo Horizonte a criação do primeiro Curso de Formação de Auxiliar de Enfermagem”. (AMARAL 2008 p. 21).

Em 1931 o presidente Getúlio Vargas regulamenta o exercício de enfermagem no Brasil, através do decreto nº 20.109.12, e fixa também as condições para as escolas de enfermagem se igualarem a escola de enfermeiras Ana Nery. Em 1937 essa escola foi incorporada a Universidade Brasil, onde hoje é a Universidade Federal do Rio de Janeiro (AMARAL 2008).

Diante do exposto e mediante as modificações sociais e monetárias em que o país estava vivenciando,

A partir de 1940 o novo modelo econômico e modo de produção influenciam a prática de saúde e a formação do seu pessoal centradas nas necessidades do indivíduo doente, deixando de lado a saúde pública. Também em 1940 cria-se o Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, abrindo campo para aprendizagem à outras categorias

profissionais de saúde além dos estudantes de medicina. As enfermeiras da Escola Ana Nery organizam o serviço de enfermagem do hospital e a Escola de Enfermagem anexa à Faculdade de Medicina (AMARAL, 2008, p. 22).

Sendo assim, a divisão de trabalho na enfermagem brasileira, devido a complexidade do hospital, ao grande número de leitos e ao pequeno número de enfermeiras, passou a ser necessária um aumento significativo de recursos humanos, e conseqüentemente a equipe de auxiliares e técnicos de enfermagem, para auxiliarem os Enfermeiros passa a ser fundamental para o pleno desenvolvimento da assistência em saúde (BARTMANN, 1997).

E para tanto, os profissionais de nível médio foram (e são) elementares para o funcionamento dos serviços de saúde, o que amplificou a ênfase dada sobre a formação desta categoria. E essa formação não seria possível se os enfermeiros graduados se limitassem apenas às atividades assistencialistas e gerenciais. Com base nisso, reflete-se que a enfermagem também se constitui como a arte de ensinar!

Enfermeiro e a arte de ensinar: formação para atuação na docência

O trabalho do docente é elemento complementar no âmbito educativo mundial, pelo qual as pessoas são preparadas para a vida social. Toda a sociedade deve cuidar da formação do seu povo, seja individual ou coletiva, ajudando a desenvolver suas capacidades, sendo elas físicas ou espirituais, preparando-as para as transformações que a vida em sociedade pode proporcionar.

Não há sociedade sem prática educativa nem prática educativa sem sociedade. A prática educativa não é apenas uma exigência da vida em sociedade, mas também o processo de prover os indivíduos dos conhecimentos e experiências culturais que os tornam aptos a atuar no meio social e a transformá-lo em função de necessidades econômicas, sociais e políticas da coletividade (DIDÁTICA; LIBÂNEO, 2006, P. 17).

Por este motivo, a docência está ligada ao ato de ensinar, exercendo do magistério, uma forma de administrar aula. A inserção de enfermeiros bacharéis na sala, emerge a reflexão acerca da grande importância que atividades profissionais em enfermagem tem na construção dos saberes e práticas docentes (MASETTO, 2012).

Na sala de aula o enfermeiro bacharel assume um grande papel, na elaboração e planejamento das aulas, exercendo atividades teóricas e práticas, o que media o aprendizado dos estudantes. Fora da sala de aula, o profissional Enfermeiro tem a

função de supervisionar os estudantes em campo, capacitando-os para a aprendizagem teórica em paralelo ao conhecimento prático (TAVARES et al, 2011).

O enfermeiro preceptor é um dos profissionais responsáveis pelo treinamento e qualificação prática do discente nos serviços de saúde, e pela enfermagem exigir uma formação generalista, este profissional transita pelos distintos níveis de complexidade dentro da rede de assistência à saúde, desempenhando o papel de facilitador, e possibilitando ao alunado compreensão e assimilação com o conhecimento teórico previamente construído. (TAVARES et al, 2011).

Diante da importância do conhecimento prático, o estágio supervisionado se constitui como a possibilidade em que os estudantes têm de aprimorar os conhecimentos técnicos-científicos e preparo para carreira profissional. Esse estágio permite o desenvolvimento de capacidades éticas, de comunicação, de responsabilidade e de tomada de decisões. Há também uma enorme contribuição pedagógica, visto que é uma atividade rica, necessária e obrigatória para a formação profissional (FERREIRA et al., 2017).

Sabe-se que a ação do enfermeiro docente na educação profissionalizante de nível médio, é amparada, pelo que estabelece o Decreto nº 2.208, de 17 de Abril de 1997 no que se refere à atividade docente em seu artigo 9º:

As disciplinas do currículo do ensino técnico serão ministradas por, instrutores e monitores selecionados, principalmente, em função de sua experiência profissional, que deverão ser preparados para o magistério, previamente ou em serviço, através de cursos regulares de licenciatura ou de programas especiais de formação pedagógica (Decreto 2.208 de 17/04/1997, artigo 9º, p. 03).

Considerando essa definição, a ação do preceptor se dá por meio de um conhecimento científico dotado de capacidades criativas e de improvisação, servindo de referência na prática clínica do estudante de graduação ou técnico. O preceptor é um facilitador no processo de ensino e aprendizagem, pois o envolvimento com o aluno o faz desenvolver a relação de compromisso percebida no cenário do trabalho, que culmina com a avanço da qualidade da formação profissional. Para o autor:

Uma importante função do enfermeiro como educador é contribuir como instrutor clínico de estudantes durante a prática. Para assegurar que os estudantes de enfermagem alcancem os resultados esperados de sua aprendizagem. Muitos enfermeiros atuam como preceptores clínicos e tutores, esta aprendizagem deve ser levada em consideração em pelo menos três níveis, a saber: o sistema educacional que acolhe os estagiários; os estabelecimentos escolares; os professores, individualmente ou em grupo (FERREIRAS, FRANCISCO DE CHAGAS; DANTAS, FERNANDA DE CARVALHO; VALENTE, GEILSA SORAIA CAVALCANTI, 2017, P. 1662).

Nessa conjuntura, segundo Maia (2012) “o enfermeiro é um educador por natureza, pois ele é responsável por orientar os pacientes em prol da prevenção de doenças e da promoção da saúde”. Desse modo, esta habilidade de educar e instruir, que possui o enfermeiro, traz melhorias para o bem estar dos pacientes e familiares sob o seu cuidado, além disso, traz ainda benefícios também para as equipes sob a sua supervisão, não sendo exclusivamente voltada aos seus discentes em sala de aula quando este profissional opta pela docência.

Porém, nota-se a necessidade de uma educação que possibilite a ampliação contínua de pessoas e da sociedade. Não é mais possível formar profissionais com o ensino voltado somente para a racionalidade técnica, ou só para a doença. É indispensável a busca de uma prática docente que possibilite aos alunos desenvolverem um pensamento reflexivo através da valorização da criatividade, da reflexão e participação, condições imperativas para a inclusão social e construção da sociedade (MAIA 2012).

Por assim dizer, o professor é tido como um ser de transformação, pois promove mudanças na forma de pensar, refletir, agir e sentir, em relação a si mesmo e aos outros. Ser professor é buscar equilíbrio entre a satisfação das necessidades do aluno, da instituição e as suas próprias. É levar os alunos a aprender, a fazer, a ser, a conhecer e a conviver. Com o avanço científico, é necessária uma educação que prepare indivíduos criativos, reflexivos e competentes. A partir desse prisma, torna-se importante repensar a formação dos professores, levando em conta os saberes dos docentes e as realidades específicas do trabalho cotidiano, reconhecendo o professor como um prisional produtor de saberes (TARDIF, 2000).

Assim, vê-se que o enfermeiro bacharel sai da academia pronto para exercer a sua profissão em campo, mas não há garantias de que ele esteja preparado para assumir a sala de aula, no papel de professor, pois o preparo pedagógico durante a graduação é superficial e muitas vezes insuficiente. A conclusão que se tem acerca disso, é que a formação do enfermeiro é fundamentada nos conhecimentos teórico-práticos, todavia, poucos são os estímulos, durante a graduação, do aprimoramento docente do enfermeiro (VENDRUSCOLO, 2018).

Em suma, pode-se afirmar que a docência em enfermagem está pautada no seguinte tripé: conhecimento científico, conhecimento prático e conhecimento pedagógico.

Na circunstância específica do ensino de enfermagem, a lacuna entre a teoria e a prática docente é constantemente estabelecida. Autores relatam que ela sempre existirá, pois há distantes tipos de conhecimento envolvidos. Por exemplo, a teoria refere-se ao conhecimento adquiridos através dos livros e a prática por sua vez algo adquirido como ganho de experiência direta com os casos e situações particulares (SCHERER; SCHERER, 2007).

Com os esforços, no entanto, dos educadores para resolver o problema da lacuna teórico-prática acabam por voltar a atenção às condições do ambiente no qual o aluno aprende. A cognição do estudante embora real não tem substrato palpável, além de ser própria de cada um e, por isso, inacessível ao professor. Além disso, é sabido que o conhecimento teórico e o prático são trazidos juntos pelos aprendizes, mostrando não serem experiências (SCHERER; SCHERER, 2007, p. 03).

Assim, é sugerido que se aumente o estímulo pela formação docente em enfermagem, de forma que teoria e prática docente se unam e se desenvolvam uma a partir da outra. Em oposição a isso, existem pesquisadores que não acreditam em uma lacuna da teoria-prática, por ter duas expectativas diferentes da teoria de enfermagem, utilizadas por enfermeiros e professores (SCHERER; SCHERER, 2007).

Todavia, nos cursos de Bacharelado em enfermagem o conhecimento pedagógico é muitas vezes suprimido ou condensado em um único componente curricular denominado “metodologia didática”, o que se configura como limitador da atuação docente em detrimento às profissões que têm estímulos pedagógicos em sua formação muito mais intensificados (RAMPELLOTTI; PASQUALLI, 2020).

Diante disso, a formação do enfermeiro atuando como docente deve ser consolidada com base no domínio de conhecimentos científico e na atuação investigativa no processo de ensinar e aprender, recriando situações de aprendizagem por investigação do conhecimento de forma coletiva, com o propósito de valorizar a avaliação diagnóstica dentro do universo cognitivo e cultural dos acadêmicos como processos interativos (SOUZA et al, 2007).

Faz-se necessário, a partir da presente reflexão, contar com a expertise de Paulo Freire ao afirmar que:

“A docência é uma atividade cuja preparação, capacitação e formação para seu exercício se torne um processo de busca permanente por parte do professor, uma trajetória construída diariamente, onde não existe ensinar sem aprender” (FREIRE, 1993, P. 27-38).

É o andamento inicial da construção de sua identidade docente, pois, reconhece-se como professor. O exercício diário também lhe permitirá ampliar suas habilidades e adquirir capacidades através das quais será capaz de movimentar

múltiplos recursos e de aplicar os conhecimentos adquiridos em suas reflexões sobre sua prática pedagógica e nas informações ocorridas em suas experiências profissionais e de vida, visando desta forma resolver os problemas que surgirão no seu exercício docente diário (AMARAL, 2008).

Por esse motivo, a formação pedagógica, pensada em termos acadêmicos e didáticos, surge no panorama de compreensão sobre qualidade do trabalho docente no recinto da sala de aula, ou seja, no contexto da ação, que não se restringe aos saberes, mas na capacidade do docente de agir em circunstâncias previstas ou não em seu plano de ação (MAIA, 2012). Ou seja, quais as metodologias, estratégias e artifícios este professor utiliza durante a interação com o alunado e como se dá o processo de troca de saberes.

Nesse cenário, as instituições de ensino superior investem na formação efetiva do corpo docente, buscando a capacitação pedagógicas dos professores, para que os mesmos possam transformar o ensino, promover a extensão do conhecimento nos espaços extramuros e estimular a produção científica a partir destas experiências.

Partindo desse pressuposto, é importante refletir sobre os motivos que fazem com que esse enfermeiro bacharel opte pela docência. As motivações que o levam a optar pela docência como exercício da profissional assim que concluem a graduação são inúmeras, a saber: oportunidade de ascensão profissional, possibilidade de aprimoramento do conhecimento adquirido na academia, facilidade para consolidar uma rede alternativa e aumentada de contatos, possibilidade também de firmar seu nome no mercado e se autopromover (AMARAL, 2008).

Uma outra motivação é a esperança de uma melhoria de vida. O que permite ao enfermeiro uma constituição específica de aceção para o exercício da docência no ensino técnico e superior, porém o curso técnico é a primeira porta de entrada, já que o ensino superior exige mais carga intelectual e experiência em campo do enfermeiro.

Comumente, é no curso técnico que o exercício docente é iniciado, objetivando a aquisição de uma renda a mais, e muitas vezes este espaço não é considerado como um emprego de escolha, mas como uma alternativa transitória para se inserir no mercado de trabalho, não tendo portanto, uma certa valorização e nem um empenho por parte do docente em aprimorar seus conhecimentos profissionais na área de ensino (AMARAL 2008).

Logo, alguns profissionais entram na docência por acreditarem ser uma boa oportunidade para ampliar a sua renda e o seu capital. Todavia, existem aqueles profissionais que optam pela docência pois acreditam no ensino como forma de modificação da realidade e melhoria da qualidade formativa dos profissionais de nível médio, e conseqüentemente da assistência oferecida por estes indivíduos aos seus pacientes (AMARAL, 2008).

Inconformidades na sala de aula x Licenciatura em enfermagem

As limitações e fragilidades do processo de formação pedagógica do enfermeiro, que foram acima mencionadas, se traduzem na fala de Masetto (2012, p. 02) ao afirmar que “um grande problema a ser enfrentado é a falta de formação pedagógica, ao longo do tempo, o que faz com que alguns enfermeiros desenvolvem suas próprias formas e didáticas fazendo da sala de aula o seu laboratório.”

Diante das lacunas pedagógicas herdadas pela graduação em enfermagem, muitos profissionais buscam como alternativa para sanar estas deficiências, a sua inserção em programas de pós graduações voltados para o aprimoramento didático e de formação docente. O que tem se consolidado como uma estratégia resolutiva e exitosa (RAMPELLOTTI; PASQUALLI, 2020).

Ainda a respeito das limitações e inconformidades durante o processo de ensino do enfermeiro-professor, a literatura traz entraves que podem, inclusive, fazer com que muitos docentes se esgotem e abandonem essa profissão, a saber: estruturas físicas de péssima qualidade e a falta de recursos necessários; o espaço inadequado para a quantidade demasiada de alunos e a falta de equipamentos para as aulas práticas; a desorganização institucional; e no contexto da pandemia, o ensino remoto e os seus desafios atrelados (RAMPELLOTTI; PASQUALLI, 2020).

Para ilustrar o que foi mencionado, Santos e Cassiane (2000, P.02) relatam em seu estudo que “o laboratório funciona também como sala ambiente de química e física. O nosso laboratório é muito mal montado. O boneco é muito antigo, tem mais de 20 anos, ele está em péssimas condições, sem cabeça, sem olho”.

A insatisfação docente é um sentimento constante no meio educacional, trazendo inúmeras conseqüências, dentre elas, a qualidade das relações interpessoais no ambiente de trabalho, as relações tóxicas de poder, sobretudo, a qualidade comprometida do ensino-aprendizagem. Na maioria das vezes, esses

eventos fogem às expectativas dos educadores, causando adoecimentos psicológicos e frustração profissional, para o autor:

Fatores como insatisfação da pessoa com o seu trabalho, seja pelo ambiente, seja pelas tarefas que executa, poderão desencadear problemas de saúde mental, se não oferecerem possibilidades ao trabalhador de concretizar suas aspirações, ideias, desejos ou quando há inflexibilidade da organização do trabalho (MULATO et al, 2010, p. 773)

Desse modo, a inconformidade da atuação docente do enfermeiro destaca provocações importantes para a reflexão sobre este processo de trabalho, tão nobre a ao mesmo tempo tão desafiador. E por falar em desafios, na docência os enfermeiros são submetidos à exposição excessiva a fatores de sofrimento e adoecimento emocional, além daqueles que já foram citados, pode-se incluir: a elevada carga horária, visando agradar o modelo lucrativo que atribui ao profissional cumpra o maior número de trabalhos possíveis. Esse é um dos principais destaques, fator este que pode desencadear exaustão mental e física em razão da excessiva carga de atividades (SANTOS; CASSIANE, 2000).

Partindo desse ponto, reafirma-se que algumas das inconformidades, lacunas, desafios, fragilidade e outros aspectos negativos da docência do enfermeiro-professor estão intimamente relacionadas com a “deficiência” pedagógica fruto da sua graduação em bacharelado em enfermagem, como já foi mencionado. Nessa perspectiva, infere-se que “será que os licenciados em enfermagem enfrentam estes mesmos impasses?”

Diante do supracitado questionamento, é importante arrazoar sobre a formação dos professores em diferentes cursos, uma vez que em muitas formações docentes em distintas especialidades, mudanças aconteceram no decorrer do tempo, e na Enfermagem não foi diferente.

Os cursos de licenciatura passaram por várias adaptações no decorrer dos anos. Em 1930 ocorreu a reforma do ensino secundário, propondo a criação da Faculdade de Educação, Ciências e Letras, com a finalidade de atuar na formação de professores para o ensino secundário, pois estes desempenhavam a licenciatura sem nenhuma formação adequada ao ensino. Em 1960 a 1968, destaca-se a Lei de Diretrizes e Brasileiras conhecida como LDB, Lei nº 4.024, de 20 de dezembro de 1961, que trouxe mudanças no ensino, mencionando que a formação de professores para o ensino médio seria efetivado nas faculdades de Filosofia, Ciências e Letras, e

para os professores de disciplinas específicas de ensino médio técnico, em cursos especiais de educação técnica (SILVA et al., 2015).

E os avanços nas políticas educacionais, como acima mencionados, progrediram ao ponto de alcançaram a graduação em enfermagem. Em 1969 surgiu a licenciatura em enfermagem, através da portaria do MEC nº 13/69 e do parecer do CFE nº 837/68. Portanto, até o ano de 1969, não era obrigatório a formação específica para a docência. Somente a formação em bacharelado em enfermagem era suficiente para os enfermeiros lecionassem nos cursos de enfermagem tanto no ensino superior, quanto no ensino médio (SILVA et al., 2015).

O Parecer do CFE nº 837 de 1968 trouxe com clareza que, para alcançar o título de licenciado em Enfermagem, primeiro o profissional deveria possuir o título de bacharel em enfermagem, sendo este último, condição essencial para a formação na licenciatura. A compreensão trazida pela legislação norteou a criação dos cursos de licenciatura que, em algumas instituições, acontecia associada à formação do bacharel (SILVA, 2015, p 63).

Esse curso de licenciatura em enfermagem foi designado a partir de um parecer realizado pela Câmara de Ensino Superior, sobre a probabilidade de o enfermeiro cursar cadeiras de Didática para atuação do magistério dentro da profissão, iguais os diplomados pelas Escolas de Belas Artes e Arquitetura. Um dos comprovantes da necessidade dos enfermeiros licenciados foi a existência de cursos destinados à formação de auxiliares de enfermagem em nível colegial. Outro argumento destacado foi a admissão, nos currículos do ensino médio, de estudos de Enfermagem com disciplinas ou práticas educativas (SILVA et al., 2015).

Os esforços pela aprovação do ensino em licenciatura em enfermagem tiveram subsídio na reforma universitária, que gerou mudanças nos currículos mínimos do ensino superior. Para os cursos da saúde, principalmente a enfermagem, o desenvolvimento era direcionada pelo aumento das indústrias farmacêuticas e de equipamentos cirúrgicos, tornando-se notório como modelo biomédico de atenção à saúde.

O Parecer nº 163 do CFE, de 1972, e a Resolução nº 4/72 que prevaleceu até o ano de 1994, adaptaram o currículo mínimo em Obstetrícia e Enfermagem em três partes contínuas, denominadas de pré profissional; corpo profissional comum conduzindo à graduação em Enfermagem. Segundo Silva (2016, p. 63) “As habilitações propostas levaram em conta a escolha de matérias apropriadas à formação do enfermeiro nas áreas de Médico-Cirúrgico, Obstetrícia, Saúde Pública ou ainda, a licenciatura em Enfermagem”. Corroborando assim o revelado na reforma

universitária. Essa nova indicação de alteração nos cursos de enfermagem tornou mais próxima a probabilidade da licenciatura para o enfermeiro (SILVA et al., 2015).

Em 1989 a Associação Brasileira de Enfermagem (ABEn) publicou um documento fomentando uma proposta de currículo mínimo para a formação de enfermeiro. Nela sugere que a licenciatura em Enfermagem fosse incorporada como parte da formação do enfermeiro. Neste contexto, na década de 1990 também foram realizados encontros, seminários, estudos e negociações no sentido de construir uma proposta curricular que contemplasse a incorporação da licenciatura na formação do enfermeiro, proposta liderada pela ABEn e que, ao ser encaminhada para ao Conselho Federal de Educação, em abril de 1994, foi rejeitada (SILVA et al, 2015, p 63).

O campo da docência em enfermagem tornou-se uma propriedade de atuação em expansão para os egressos dos cursos de graduação, porém a formação destes não prevê conteúdo relacionado a prática pedagógica, a partir daí, no ano 2000, a lacuna na formação dos enfermeiros para a atuação docente, ocasionou a criação do Programa de Profissionalização dos Trabalhadores da Área da Saúde - Enfermagem (PROFAE), assim, o Ministério da Saúde almejava atuar diante da emergente ocasião de preparação deste profissional para otimizar seu exercício docente na formação dos profissionais técnicos em enfermagem. O que também motivou a criação do PROFAE, foi a percepção do desempenho de vários profissionais na área assistencial sem o desenvolvimento adequado, além da formação de enfermeiros professores, o programa proporcionou a complementação da formação de trabalhadores auxiliares para o nível técnico (RAMPELLOTI, 2019 p. 38).

Motivado inicialmente pela estimativa de que existiam, em 1999, aproximadamente 250 mil trabalhadores prestando assistência de enfermagem, sem qualificação formal, constatado pela realização de dois cadastramentos nacionais para levantar a demanda real. Utilizou-se das escolas técnicas existentes no País, públicas e privadas, para, em quatro anos, oferecer cursos de formação profissional para todos os trabalhadores cadastrados. Essa iniciativa possibilitou a oferta de cursos de auxiliar de enfermagem, complementação do auxiliar de enfermagem para técnico de enfermagem e complementação do ensino fundamental e formou aproximadamente 280 mil trabalhadores (GÖTTEMS; ALVES e SENA, 2007, P. 39).

Portanto, a necessidade de uma formação articulada com as esferas da sociedade e cujo perfil do enfermeiro aponte para o exercício das demandas que superam os processos de adoecimento, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) e as Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN) de 2001, que fomentaram a revisão dos cursos de graduação em enfermagem e assim,

influenciaram, por conseguinte o curso técnico em enfermagem (RAMPELLOTTI, 2019).

Verificou-se que o enfermeiro necessita de um amplo preparo para o exercício da docência, e que isso necessita ser estimulado desde a graduação. A busca por programas de pós graduação pode se configurar como estratégias potentes para o alcance dessa finalidade. Ademais, a proposta da ABEn, que incorporava a licenciatura no curso de enfermagem, passa a ser também uma forma de suprir a necessidade encontradas pelo bacharel, já que durante esta modalidade formativa, o estímulo à formação pedagógica é amplificado.

Considerações finais

Desta forma, reitera-se a importância de se priorizar o conhecimento acerca do processo formativo do enfermeiro docente, bem como seus desafios e possibilidades, além da análise da sua influência para a formação dos técnicos em enfermagem e, conseqüentemente, para a assistência em saúde de forma geral.

Os autores do referencial bibliográfico, trazem que os enfermeiros professores tem pouco conhecimento sobre a docência, pois possuem preparo superficial para tal função, com ênfase no bacharelado de enfermagem. Outros enfermeiros que aprenderam na prática como é, e como fazer a docência, e possuem muitas críticas relacionadas ao campo de atuação, nesse caso a sala de aula, ou relacionado ao excesso de trabalho e a cobrança massiva dos alunos.

Espera-se que o presente estudo constituía reflexão sobre a importância do enfermeiro como professor, na formação de novos profissionais técnicos, além de sugerir a reformulação desses profissionais e do seu processo formativo, tornando-os cada vez mais aptos para o desenvolvimento excelente da docência.

Sugere-se a realização de novas pesquisas, em campo, com a finalidade de conhecer melhor a atuação do enfermeiro enquanto professor, com o intuito de favorecer a expansão do conhecimento acerca da temática, o que possivelmente acarretara em melhorias tanto para o professor, quanto para o sistema educacional de forma geral, bem como para os serviços de saúde atendidos por estes profissionais formados.

Referências

AMARAL, M. R. T. C. A docência no ensino técnico de enfermagem: concepções, experiências e desafios. São Paulo, 2008.

BARDIN, L. Análise de conteúdo. Lisboa: Edições 70, 2002.

BARTMANN, M. Evolução Histórica dos Cursos de Auxiliar e Técnico de Enfermagem no Contexto Sócio-político-econômico do Brasil. **Boletim Técnico Senac**, v.23, nº, Set/Dez., 1997.

BRASIL. Ministério da saúde. Lei no 9.610, de 19 de fevereiro de 1998

CASSIANI, S. H. B.. A segurança do paciente e o paradoxo no uso de medicamentos. *Rev. bras. enferm.*, Brasília, v. 58, n. 1, fev. 2005.

MULATO, S. C, et al, Docência em Enfermagem: insatisfações e indicadores desfavoráveis. **Acta Paul. Enferm.**, 2010; 23(6): 769-74.

FERREIRAS, F. C. et al, Saberes e competências do enfermeiro para preceptoria em unidade básica de saúde, **Revista Brasileira de Enfermagem**, 2017.

FONSECA, J. P. S. O enfermeiro docente no ensino superior: atuação e formação profissional, *Campo Grande, MS* n. 45, p. 43-58, maio/ago. 2017.

GÖTTEMS, L. B. D. et al, A enfermagem brasileira e a profissionalização de nível técnico: análise em retrospectiva. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, Ribeirão Preto. v. 15. n. 5. Set/Out 2007. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rlae/article/view/2487>

MAIA, L. F. S. O enfermeiro educador: conhecimento técnico na formação profissional docente. **Revista Brasileira de Enfermagem**, São Paulo, 2012.

Disponível em: <https://www.recien.com.br/index.php/Recien/article/view/38/0>>.

Acesso em: 01 jan. 2020.

MASETTO, M.T. **Competência pedagógica do professor universitário**. São Paulo, Summus, 2003.

MERIGHI, M. A. B. Reflexões sobre a docência de enfermagem em uma universidade pública, **Rev.Esc.Enf.USP**, v.32 , n.l, p. 80-3, abr. 1998.

MULATO, S. C, et al, Docência em enfermagem: insatisfações e indicadores desfavoráveis, **Acta Paulista de Enfermagem**, vol. 23, núm. 6, 2010, pp. 769-774 Escola Paulista de Enfermagem São Paulo, Brasil.

SOARES, C. B. et al. Revisão integrativa: conceitos e métodos utilizados na enfermagem. Rev. esc. Enferm. USP [Internet]. v.48, n.2, p. 335-345, 2014

SCHERER, Z. A. P; SCHERER, E. A. Reflexões sobre o ensino de enfermagem na pós-modernidade e a metáfora de uma lacuna teórico-prática, **Rev Latino-am Enfermagem**, vol. 15, núm. 3, mayo-junio, 2007 Universidade de São Paulo São Paulo, Brasil.

TAVARES, P. E. N. et al, A vivência do ser enfermeiro e preceptor em um hospital escola: olhar fenomenológico, **revista rene**, fortaleza, 2011 out/dez; 12(4):798-807.

VENDRUSCOLO, C. Enfermeiro Professor: Limites e Possibilidades da Carreira Docente, Volume 22, Número 2, Páginas 95-100, 2018